

SALMO DAS TRAVESSIAS

Conversa com Milton Schwantes sobre o salmo 121

Marcelo Barros

Resumo

Na Bíblia, a memória do Êxodo, da volta do exílio e da esperança messiânica são experiências transformadoras que serviram de motivação para o futuro. No livro dos Salmos temos uma coleção de cânticos de peregrinação (Sl 120-126) que recolhem tais experiências. Neste artigo propõe-se reler um destes cânticos, o Sl 121, à luz das romarias na experiência das Comunidades Eclesiais de Base e de um estudo de Milton Schwantes, que define este salmo como um salmo de parada, descanso ou travessia.

Palavras-chave: *Êxodo, Salmos de Romaria, Travessia, Transformação.*

Abstract

The memory of the Exodus, the return from exile and the Messianic hope in the Bible are transformative experiences that have motivated the future. In the book of Psalms there is a collection of pilgrimage's hymns (Psalms 120–126) which collect this experience. This article aims to reread one of these hymns (Psalm 121), to the light of Christian base communities' pilgrimage and a study of Milton Schwantes, who defines this psalm as a halt, a stand and a crossing.

Keywords: *Exodus. Pilgrimage Psalms. Traversing. Transformation.*

Esse número da revista é dedicado a textos bíblicos, frutos de experiências transformadoras. Existem dois tipos de experiências que modificam a vida: o primeiro é coletivo e estrutural. Para um povo, uma experiência de libertação transforma, ou ao contrário, se for de dominação, transtorna. Para o povo bíblico, a memória do Êxodo, da volta do exílio e da esperança messiânica sempre serviram como motivação para o futuro. Um segundo tipo de experiência transformadora não é coletiva e sim de alguém em particular ou um pequeno grupo. Por exemplo, uma família expulsa do campo que, com dificuldade, sobrevivia em uma periferia urbana, ocupa uma terra improdutiva. Essa conquista é algo que divide a vida em antes e depois daquele fato. Do mesmo modo, uma experiência afetiva ou uma viagem diferente pode transformar a visão e a realidade da vida de alguém. Na tradição islâmica, as pessoas

que moram em países distantes e os pobres fazem, ao menos uma vez na vida, a peregrinação a Meca. É uma experiência transformadora para toda a vida. Também na tradição cristã popular, uma romaria pode marcar a vida da pessoa ou do grupo. Na própria Bíblia, há salmos que foram colecionados em um pequeno livrinho como cânticos de peregrinação. É sobre um desses salmos (o 121) que eu convido vocês a refletirmos nessas páginas.

Antes de nos deixar, já hospitalizado na UTI do Hospital Santa Catarina, o nosso mestre e amigo Milton Schwantes ditou as palavras que ele queria ver colocadas na contracapa do seu livro sobre os salmos 120 a 134. É um livro-testamento que ele intitulou: “Salmos da vida: a caminho da justiça”. Há anos, ele tinha escrito um livro sobre os salmos chamados de subida ou de peregrinação a Jerusalém. No seu último ano entre nós, aprimorou esse estudo e o publicou. No prefácio, o pastor Cláudio Ribeiro chama esse livro póstumo de “tesouro que Milton nos oferece”. Ali fica claro o esforço do Milton e de todos os que continuamos o seu trabalho de “ligar espiritualidade bíblica e teologia, assim como articular as dimensões sociopolítica e existencial no exercício da fé cristã”¹. É esse mesmo esforço e como continuidade desse processo que releio o livro do Milton. Entre os salmos comentados por ele, escolho o salmo 121 para refletir sobre o salmo a partir da vida. A partir do que Milton escreveu, proponho aos/às leitores/as e amigos/as uma leitura crítica e ao mesmo tempo espiritual e popular desse salmo que é um dos mais usados pelas comunidades cristãs, principalmente quando alguém vai viajar ou quando se vai começar uma peregrinação popular.

1. O salmo 121 na tradição cristã e na pastoral popular

No final dos anos 80, uma comissão de biblistas, liturgistas e pastoralistas elaborou um roteiro litúrgico de orações diárias que procurava unir a Bíblia, a tradição litúrgica da Igreja ocidental e o jeito brasileiro e popular de crer e orar do povo. Tive a alegria de ser um dos coordenadores desse grupo. Assim que publicamos o “Ofício Divino das Comunidades”, no Centro oeste, a versão do salmo 121, elaborada por Jocy Rodrigues no Maranhão, passou a ser cantada com a melodia de um dos mais tradicionais benditos da festa do Divino Pai Eterno em Trindade: “Sou romeiro que caminha, sou devoto do Senhor...”. As palavras do salmo entraram sem dificuldade não só na melodia, mas no espírito do bendito dos romeiros tradicionais. E o salmo, em linguagem popular, diz:

“Eu levanto meus olhos pros montes,
onde está quem me ajuda, adonde?
Meu socorro está no Senhor,
Que os céus e a terra formou.

1. RIBEIRO, Cláudio. Prefácio do livro de MILTON SCHWANTES, *Salmos da vida, a caminho da justiça*. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 11-13.

Tu não vais tropeçar nas estradas,
Acordado está quem te guarda,
Um cochilo tirar pode não,
O vigia da santa nação.
O Senhor fica sempre a teu lado,
Te guardando com todo cuidado.
Que o fogo do sol não te açoite,
Nem a lua te ofenda de noite.
Ele vai te livrar dos desastres,
Ele sempre te afasta dos males,
Te protege no ir, no voltar,
Toda hora sem nunca faltar”².

Em minhas andanças, principalmente pelo norte, nordeste e centro-oeste do Brasil, tenho encontrado grupos e comunidades que sabem esse salmo decorado e o cantam nas ocasiões de romaria, partidas e viagens. Uma vez, na diocese de Goiás, qual não foi minha surpresa quando, às duas horas da madrugada, em uma praça da periferia da cidade um grupo de lavradores partia para ocupar uma terra improdutiva e escutei uma voz de cima do caminhão. Entoava os primeiros versos desse salmo e percebi que vários companheiros e companheiras o acompanhavam como uma oração de partida, para ocupar uma terra nova e ser testemunha da justiça de Deus no campo.

Desde o século VI, os monges costumam orar esse salmo sempre antes de alguma viagem. Os primeiros versos do salmo são usados na abertura de todo ritual romano de bênção. O ministro ou ministra começa dizendo: “O nosso auxílio está no Senhor”. Todos respondem: “que fez o céu e a terra”.

Milton Schwantes nos ajudou ao situar o salmo 121 na continuidade do salmo 120. O primeiro (o 120) seria a oração da partida e o segundo (o 121) é uma oração na parada da noite, durante a caminhada. De fato, isso me lembrou o imortal Guimarães Rosa que dizia no Grande Sertão: “O perigo não está na partida nem na chegada. Perigosa é a travessia”. Por isso, comecei a orar e considerar o salmo 121 como o salmo das travessias.

2. Na tradição bíblica

A tradição judaica costumou agrupar os salmos por coleções ou livros dentro do livro. Assim, se reconhece que o livro dos salmos se compõe de cinco livros (do salmo 1 a 40, do 41 a 72 e assim por diante). Alguns tentaram descobrir elementos comuns ou alguma progressão na ordem de cada livro. Nada existe de concreto sobre isso. Da última coleção (do 107 ao 150), sobressaem-se coleções como os cânticos

2. Cf. *Ofício Divino das Comunidades: Salmo 121*. São Paulo: Paulus, 1988, 1ª Ed. (o livro já tem mais de quinze edições), p. 140.

do *Hallel* (do 109 ao 118) e essa dos chamados salmos de subida ou de ascensão (do 120 ao 134). A interpretação mais comum é que esses salmos, em geral, curtos e simples, seriam orações usadas durante as peregrinações ao templo. Na tradição cristã alguns seguiram comentários judaicos que pensavam: esses salmos eram proclamados no átrio do templo como salmos dos degraus (em latim se chamavam “salmos graduais”). André Chouraqui escreveu: “É possível também que esses salmos fossem cantados quando os hebreus acompanhavam os animais que ofereciam em sacrifício, na rampa que os conduzia ao altar. A ligação é evidente entre *ólôt* (sacrifícios) e *ma'alôt* (subidas ou ascensão)”³.

De tudo isso se pode tirar uma conclusão: tal tipo de referência supõe a existência do templo. A liturgia neles esboçada ou aludida faz com que muitos pensem no tempo pré-exílico. Entretanto, o salmo 126 se refere explicitamente à volta do exílio e o 127 ao sofrimento dos exilados nas margens dos salgueiros da Babilônia. Sem falar que alguns elementos de linguagem contêm termos aramaicos e de uso mais pós-exílicos. Por isso, a maioria dos estudiosos situa essa coleção de salmos entre os séculos V e IV que supõem o templo em suas plenas funções e que as peregrinações vinham não só da terra de Israel, mas mesmo dos judeus que já viviam na diáspora como parece ser o caso dos que falam no salmo 120.

A própria estrutura desses salmos (do 120 ao 134, talvez com exceção do 132) conota uma subida ou progressão na estrutura literária dos próprios versos. Há um ritmo binário e ternário do poema. Além disso, cada verso contém certa repetição de palavras que, ao serem repetidas, progridem, ou seja, ficam mais claras e explícitas. Tudo isso indica uma progressão ou subida na direção da realização da paz, da justiça, do projeto divino no mundo.

No seu livro, Milton afirma que há uma continuidade entre os três primeiros: o 120 seria um salmo de partida, o 121 uma oração do descanso noturno durante a caminhada e o 122 o salmo de chegada em Jerusalém. Sem dúvida, há relação entre os três cânticos. E A. Chouraqui, em sua tradução a partir da cultura e das tradições judaicas, daria razão a isso, já que intitula esse salmo com os termos: “em marcha para Jerusalém”⁴. A liturgia da sinagoga *askenazita* põe esse salmo como oração para toda pessoa que viaja, mas isso não quer dizer que o anterior não o seja também, ou que ele teria sido pensado para ser o salmo orado antes da partida⁵.

De fato, o título hebraico do salmo diz: *šir lamma'alôt*, “cântico para as subidas”. É o título comum a todos os salmos seguintes. Entretanto, o salmo 120 não fala explicitamente em viagem, nem em partida. Parece mais um lamento no exílio. É a oração-lamento de uma pessoa exilada em Mosoc, acampada nas tendas de Cedar (v. 5). Milton situa essa região na Síria. Gianfranco Ravasi, exegeta italiano, a

3. Cf. CHOURAQUI, André. A Bíblia: Louvores II (Os salmos). Rio de Janeiro: Imago, 1984, p. 313.

4. CHOURAQUI, André. A Bíblia, Louvores II, 1998, p. 316.

5. Ver SCHOEKEL, Alonso. *Salmos* (trinta salmos: poesia e oração). O livro existe em português (ed. Paulus), eu o tenho em italiano, *Trenta salmi: poesia e preghiera*. Bologna, 1982; sobre o salmo 121, p. 381-389.

situa em uma região entre o mar Negro e o Cáspio, enquanto Cedar seria uma tribo árabe guerreira e nômade que vivia pela península da Arábia e no deserto da Síria⁶. O salmista ou a comunidade que o canta constata a violência que sofre, lamenta as pragas e o poder das palavras maléficas (seria uma oração contra o uso popular de rogar pragas e pronunciar maldições?). E a partir daí sim há um movimento no sentido de partir para a paz. Não esqueçamos que o próprio termo *Jerusalém* conota uma “visão da paz”.

Por isso, a tradição cristã tomou como salmo de viagem o 121 e não o primeiro. É um cântico mais litúrgico, até com uma espécie de diálogo ritual. Alguns exegetas importantes, como Gunkel e Schmidt, perceberam no salmo uma estrutura de diálogo e supuseram que os versículos do salmo 121 contenham um diálogo entre um solista e um coro. Viram nisso um ritual de bênção da partida. O salmo começa com a questão da pessoa ou de uma comunidade peregrina que, diante dos perigos da viagem, exclama, no v. 1: “Levanto meus olhos para os montes: de onde virá meu socorro?” Provavelmente, segundo esses autores, essa questão era a provocação de um ritual de bênção em algum santuário do interior ou sinagoga da diáspora. À questão levantada pelas pessoas que iriam começar a peregrinação, ou que já estavam no caminho, o levita ou sacerdote responde: “Teu socorro está no Senhor que criou o céu e a terra”. Nesse segundo verso, as nossas versões falam em “meu socorro”. Esses exegetas supõem que o original teria sido em “teu socorro” (*‘ezreka*), pronome que volta em todos os versos seguintes (o verso 3 ao final). Embora isso não esteja provado e o original de nossas Bíblias não autorize essa mudança no texto, é certo que o salmo contém uma espécie de diálogo entre a pessoa fiel e um ministro do culto⁷. Como Marina Mannati fazia questão de acentuar que, na maioria das vezes, o eu dos salmos é um eu coletivo assumido pela comunidade de Israel, esse eu ou tu é dirigido à comunidade peregrina⁸. Um pouco como nas celebrações em que todos os presentes oram o Credo e não dizem: “Nós cremos”. Embora falem juntos, afirmam cada um pessoalmente: “*Creio em Deus...*”.

3. Uma leitura geral do salmo

O começo desse salmo me recorda muito o que escuto dos irmãos quíchua e aimará quando estou na região dos Andes. Eles acreditam que cada montanha, cada pico da cordilheira tem seu *Ayachillis*, seu espírito e o Espírito mora nas montanhas. Todos os cultos mais importantes da religião ancestral se realizam no alto dos montes e é lá que se oferecem as lhamas em sacrifício. Na Bíblia, o povo de Israel herdou dos cananeus a fé em *El Shaddai*, o Deus da montanha (de onde vem nossa expressão

6. TUROLDO, D.M.; RAVASI, Gianfranco. *Lungo i fiumi, I Salmi*, traduzione poetica e commento. Roma: San Paolo, 1987, p. 422.

7. RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi*, III. Bologna: EDB, 1984, livro III, p. 521-522.

8. O livro da exegeta francesa Marina Mannati foi muito divulgado no Brasil pelas Paulinas em uma coleção chamada “Cadernos Bíblicos” publicada nos anos 80 e esse tinha o título “Para compreender os Salmos”.

O Altíssimo ou o Mais Alto que no começo significa aquele que mora no mais alto). Os antigos israelitas consideravam sagrados os montes como o Hermon, o Tabor e na Síria o Safon, monte sagrado de Ugarit. A esses montes, a comunidade que ora o salmo parece opor o monte Sião, colina de Jerusalém, consagrada pela presença de Deus. Outro salmo já cantava: “Altura estupenda, é a alegria de toda a terra. O monte Sião, vértice do Safon, é a capital do grande rei” (Sl 48,3).

Orar com os olhos voltados para o alto é muito comum nos textos bíblicos (Salmo 123, Sl 132,2; Is 49,18; Jr 13,20; Ez 8,5; Zc 2,1). Vem então no salmo o que seria a resposta do levita ou sacerdote, ou por que não pensar de um coordenador ou coordenadora de comunidade do interior. E a resposta dessa pessoa é quase o título do salmo: *Samaria semarjahu*, ou seja, “O Senhor é a sentinela, o Senhor protege”. No verso 5, o nome divino volta duas vezes, como afirmação de fé: Ele é. Diferentemente dos outros versos, não afirma apenas o que Deus faz, mas o que é. É guarda, é a tua sombra e está à tua direita... Essa atribuição a Deus, como guarda e proteção, percorre muitos textos bíblicos (como Gn 28,15; Nm 6,24; Jr 1,12; 31,10 e outros). A imagem de Deus como guarda noturno ou sentinela a tomar conta da casa e da vida dos seus me lembrou a imagem do profeta depois do exílio diante da Jerusalém reconstruída: “Sobre ti, Jerusalém, coloquei sentinelas. Nunca se calam, nem de noite nem de dia” (Is 62,6). De um lado, há uma linguagem semelhante a do nosso salmo: nem de noite nem de dia... Do outro, no texto do terceiro Isaías, esses sentinelas no plural parecem ser os profetas e profetisas da comunidade e não o próprio Deus. Mas, a imagem de Deus como guarda do povo volta em vários salmos (cf. Sl 17, 8, 25, 20; 34,21; 41,3; 86,2; 97,10; 116,6; 140,5, 146,9). A primeira dessas citações marcou profundamente minha vida de monge. No antigo ofício de Completas, a cada noite, no mosteiro, recitávamos o versículo do salmo que diz: “Tu cuidas de nós como se fôssemos a pupila dos teus olhos e nos proteges à sombra de tuas asas” (Sl 17,8). A imagem da águia com os filhos debaixo das asas vem de uma palavra de Deus no Sinai: “eu vos trouxe aqui como a águia carrega seus filhotes embaixo das asas” (Ex 19,4). Como essa imagem maternal e feminina de Deus sempre me tocou muito; peregrinei por cada um desses versos que falam de Deus como guardador ou protetor de Israel. E na maioria deles descobri os traços femininos de uma mãe que cuida: “Ainda que uma mãe abandonasse seus filhos, eu não te abandonaria” (Is 49,15).

O salmo 121 insiste na linguagem da proteção e do cuidado nos perigos da noite (o verbo *šmr* que comumente é traduzido por “guardar” aparece seis vezes em poucos versículos: o 3b, o 4b, o 5a, o 7ab e ainda o 8a). Em português comum, se poderia traduzir esse guardar por cuidar e até como diz o povo “tomar conta”. Nas culturas antigas e patriarcais, a tarefa desse cuidado, do “tomar conta” da criança, dos filhos e da família é mais da mulher que fica em casa e vela durante a noite por seus filhos e filhas, sadios ou doentes. Graças a Deus, quando superamos essa cultura das divisões sociais do trabalho por gênero, vemos homens com filhos ou filhas no braço, para fazê-los dormir ou simplesmente a velar por eles à noite. Mas, tradicionalmente, era a mulher que exercia mais essas funções. E quando a Bíblia se refere a

Deus como alguém que toma conta da comunidade de seu povo, podemos imaginá-lo como um guarda noturno armado ou um guerreiro a velar pelo acampamento de seus peregrinos. Entretanto, vários dos textos dos salmos parecem conter, sobretudo, as imagens íntimas e afetuosas de uma relação familiar. São imagens ligadas à mãe e não tanto a do Senhor que era o antigo deus cananeu da guerra (*El šebaot*). Deus que está junto de nós como uma sombra à direita e nos protege dos pesadelos da noite, passa unguento nas costas do/a filho/a para evitar a insolação e os fluidos da lua que eram considerados doentios, parece mais uma figura feminina do que masculina. O salmo é javista, por isso, na tradução, repete o nome “Senhor”. Mas as atribuições são na cultura bíblica mais femininas do que propriamente patriarcais e masculinas.

A expressão “guarda” (*šomer*) é acompanhada no verso 5 com “sombra” (*šel*). O próprio Deus é *sombra* que te protege dos riscos da insolação durante o dia e de fluidos negativos da lua à noite (v. 6 e 7). Milton Schwantes sublinha que, segundo o salmo, Deus faz isso, tornando o sol e a lua nossos aliados na terra. Isso nos coloca na sensibilidade ecológica atual em que os elementos do céu e da terra se unem como sinais e instrumentos divinos da nossa caminhada.

A imagem da “sombra” lembra a caminhada no deserto. “Ele marchava à frente deles, durante o dia como uma coluna de nuvem para conduzi-los no caminho a percorrer” (Ex 13,21). O próprio Deus era como sombra para abrigá-los (Sb 19,7). Todo mundo sabe o que significa uma boa sombra no calorão dos nossos sertões, caatingas ou cerrados. Os salmos falam de Deus como sombra (Sl 91,1; 17,8). Ao retomar a linguagem do deserto, a espiritualidade do salmo faz de cada peregrinação a Jerusalém um pequeno êxodo. Isso significa não apenas retomar a experiência física da caminhada, mas voltar ao projeto divino do êxodo, da libertação, da posse da terra e da comunidade da aliança. Isso me faz lembrar como é feliz a intuição da pastoral popular em transformar romarias tradicionais e devocionais (boas) em romarias da terra, da água e pela justiça no campo e na cidade. Sem dúvida, o maior desafio espiritual e humano da nossa Igreja hoje é retomar a mística do reino e a espiritualidade sociopolítica da caminhada que, na América Latina, nós aprendemos com as comunidades de base, as pastorais sociais, a conferência episcopal de Medellín e a teologia da libertação. Esse é o quadro, a partir do qual podemos reler esse salmo das travessias. Hoje praticamente não há mais riscos em uma peregrinação normal, seja para Jerusalém, seja para qualquer outro santuário. Mas, Deus nos chama a, como diz o Apocalipse: “voltar ao primeiro amor” (Ap 2,4-5). Essa carta é dirigida não a uma pessoa, mas à comunidade (à Igreja de Éfeso). Por isso, devemos pensar que não se trata apenas do amor intimista e individual, mas ao espírito e às preocupações do Êxodo e do deserto que foi o tempo do namoro com Deus e do primeiro amor de Israel como povo.

Essa insistência na dimensão social e política da espiritualidade pode parecer desligada ou até contrária ao caráter afetivo e íntimo da relação conjugal e da fé em Deus como Mãe, sublinhada na linguagem do cuidado que o salmo tanto repete. Ao contrário, se queremos hoje retomar a espiritualidade do deserto bíblico e do Êxodo, temos de unir essas duas dimensões essenciais e unidas da fé e do caminhar de quem crê. A vocês desejo assim uma boa leitura e releitura do salmo.

Bibliografia

SCHWANTES, Milton. Salmos para o caminho: Anotações hermenêuticas a partir dos salmos 120 e 121. Em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, Petrópolis, Vozes, fasc. 50, p. 96-101, 2005.

MESTERS, Carlos. *Peregrino nas estradas de um mundo desigual*. Salmos de romaria. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos, 1988.

CAMPUSANO, Maria Cristina Ventura. *Opressão e resistência revelada pelos corpos peregrinos*. Um estudo de gênero, classe e etnia a partir dos Salmos de Subida (Salmos 120 a 134). São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, UESP, 2003 (tese de doutorado). Publicado em espanhol por DEI, San Jose de Costa Rica, 2008.

HANKS, Thomas. *Salmos de liberación y reconstrucción*. San Jose de Costa Rica, Seminario Bíblico Latinoamericano, Editorial SEBILA, 1983.

CHOURAQUI, André. *A Bíblia, Louvores*, vol. I e II. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SCHOEKEL, Luis Alonso; CARNITI, Cecília. Vol. I e II. *Salmos I: salmos 1-72. Salmos II: salmos 73-150*. São Paulo: Paulinas, 1996.

BARROS, Marcelo. *A vida se torna aliança*. Orar os salmos hoje. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2004.